

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e Prática da Liberdade:** uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

Débora Schnek Silveira<sup>1</sup>

## RESUMO

A presente resenha do livro *Conscientização*, de Paulo Freire, é de suma importância para o processo de formação permanente do professor, em sua atuação pedagógica. A leitura nos remete a entender contextos maiores que o prisma educacional. A leitura inicia com uma apresentação feita por Cecílio de Lora, Diretor da Associação de Publicações Educativas e o prólogo foi idealizado pela equipe INODEP (Instituto *Oecuménique au Service du Développement des Peuples*) e divididos em três partes. A primeira parte intitula-se O Homem e sua Experiência. A segunda, Alfabetização e Conscientização. E a última parte, Práxis da Libertação. O início do texto da primeira parte é marcado por uma breve biografia de Paulo Freire, retratando aspectos que marcaram a sua vida e algumas contribuições do autor para a educação. A Conscientização é a compreensão da intencionalidade pedagógica, a explicação do método. A práxis educacional que deve ser para a liberdade, além das paredes educacionais. Educação libertária e libertadora.

**Palavras-Chaves:** Conscientização, educação, liberdade, práxis pedagógica e abordagem política.

## ABSTRACT

The present review of the book *Conscientização*, by Paulo Freire, is of paramount importance for the process of permanent teacher education, in their pedagogical performance. Reading leads us to understand contexts larger than the educational perspective. The reading begins with a presentation by Cecílio de Lora, Director of the Association of Educational Publications, and the prologue was conceived by the INODEP team (Instituto *Oecuménique au Service du Développement des Peuples*) and divided into three parts. The first part is entitled The Man and his Experience. The second, Literacy and Awareness. And the last part, Praxis of Liberation. The beginning of the text of the first part is marked by a brief biography of Paulo Freire, portraying aspects that marked his life and some of the author's contributions to education. Awareness is the understanding of the pedagogical intention, the explanation of the method. The educational praxis that must be for freedom, beyond educational walls. Libertarian and liberating education.

**Keywords:** Awareness, education, freedom, pedagogical praxis and political approach.

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário UNIFAFIBE (2004). Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Triângulo Mineiro. Email: [mrce.debora@gmail.com](mailto:mrce.debora@gmail.com)

Paulo Freire: nascido em 19 de setembro de 1921, em Recife. Filho de Joaquim Temístocles Freire e de Edeltrudes Neves Freire. Sofreu influências marcantes de seus pais, como a confiança em Deus, o diálogo, a bondade e a justiça, que o guiou nas ações e relações com a própria família e com o mundo. (Freire, 1979, p. 9)

Desde da infância percebia as desigualdades e alguns problemas sociais ao seu entorno. De vida simples e de vivências normais para uma criança - como nadar em córregos e jogar bola com amigos. A adolescência foi marcada por autores renomados como Rui Barbosa e Carneiro Ribeiro, em suas obras clássicas. Aprofundando deste modo, aos estudos da Filosofia e Psicologia da Linguagem, tornando professor ginásial. (Freire, 1979, p. 9)

Casou-se com Elza Maia Costa Oliveira, Elza Freire, após o casamento, e tiveram 5 filhos. A esposa sempre ligada a educação, primeiramente professora e depois diretora de escola. E Paulo Freire apesar de formado em Direito, dedicou-se a Educação, com um projeto libertador da sociedade, através da dialética, da práxis e prática da educação para a liberdade. (Freire, 1979, p. 9 e 10)

Marcado pelo Golpe de 1964, e sofrendo a repressão política da ditadura, na qual era considerado um perigo ao golpe, ficou em exílio na Embaixada da Bolívia.

Nesse sentido, o primeiro capítulo discorre elencando a trama do contexto histórico da experiência vivenciada. Inicialmente retrata o contexto brasileiro e, a seguir, o contexto do Chile.

No Brasil, “o movimento da Educação Popular foi uma das numerosas formas de mobilização de massas adotadas” fortalecido pelo crescente direito de participação política através do voto, marcada pela influência dos sindicatos rurais e das greves dos trabalhadores agrícolas de Pernambuco (1951). Assim, o autor destaca a importância da SUPRA (Superintendência da Reforma Agrária) para o agrupamento das classes camponesas para a defesa de seus interesses, na qual, tinha uma forte repercussão política. Porém, destituída de poder depois do golpe. (Freire, 1979, p. 10).

Este contexto influenciou as ações de Paulo Freire, marcando o seu movimento a partir de 1962, no nordeste, que dos 25 milhões de habitantes, 15 milhões eram analfabetos. Na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte,

conseguiu um resultado significativo usando seu método, alfabetizando 300 trabalhadores em 45 dias. Conseguindo com este feito o apoio da esfera federal. O projeto realizou “cursos de formação de coordenadores” de junho de 1963 a março de 1964, tendo a intenção de formar 20 mil círculos, com 30 alunos, totalizando o acesso à leitura e a escrita “por volta de 2 milhões de alunos”, inicialmente da “zona urbana e estendendo aos setores rurais”. (Freire, 1979, p. 11).

O método aplicado, logo, foi interpretado como subversivo aos interesses políticos e sociais; que ampliavam a visão e a consideração da atuação de cada membro da sociedade; não era apenas alfabetizar, mas o olhar do mundo que compreende além da decodificação de palavras, era a “formação da consciência”; o que não era o interesse dos que possuíam o poder. (Freire, 1979, p. 11).

A participação política através do voto, representava uma ameaça aos poderes de direita, ora pela participação dos alfabetizados e ora pela inclusão dos não alfabetizados; descrito pelo autor no projeto de Getúlio Vargas, “todas pessoas inscritas nos organismos de Previdência Social”. Deste modo, retrata que “a importância da política de exclusão dos analfabetos é mais sensível nas localidades mais pobres”. (Freire, 1979, p. 11).

Para Freire, a mobilização das massas representa um voto, e ao mesmo tempo em sua dimensão para um “juízo crítico das alternativas propostas pela elite”, ofertando para estes caminhos mais reflexivos, logo “a escolha do próprio caminho”. E os políticos, não tinham interesse no desenvolvimento da massa, vendo apenas a continuação da “manipulação no jogo eleitoral”. (Freire, 1979, p. 12).

Diferente do Brasil, o autor demonstra que no Chile “o método” é usado em todos os “programas oficiais de alfabetização”. O presidente Frei, antagônico ao brasileiro, aumenta a “participação popular no desenvolvimento de toda comunidade: no trabalho, a vida local e regional, as necessidades das famílias, a cultura e a organização econômica”. (Freire, 1979, p. 12).

E deste modo o Chile amplia as experiências no processo de alfabetização da população adulta, que não devia “ser igual ao método utilizado pelas crianças”. E assim Paulo Freire inicia seu trabalho junto ao governo Chileno. Apesar da discordância política para implantação do método, os avanços seguem desde a educação pública quanto a privada, agregando inclusive a promoção social,

incluindo o setor rural para maior aplicação e a esfera do “Serviço da Saúde Nacional, que combina a alfabetização com uma ação sanitária”. A Democracia Cristã, marcada por uma visão e/ou ideologia em “diminuir o abismo” entre os vários integrantes da sociedade. Deste modo, inclusive as igrejas protestantes participam deste movimento. (Freire, 1979, p. 13).

Assim, duas importantes ações são destacadas na obra de Paulo Freire: material pedagógico e formação de coordenadores. Os coordenadores são voluntários e ganham remuneração simbólica, “garantindo estabilidade, qualidade e consciência profissional”, formados no diálogo e no método de Paulo Freire. Porém a fragilidade do projeto estava na duração, que seria enquanto o governo atual estivesse no poder, e não tinha garantias caso houvesse mudanças políticas. (Freire, 1979, p. 13).

Depois do contexto político, explícito no primeiro capítulo, entre o Brasil, o Chile e a história de Paulo Freire; a segunda parte titulado Alfabetização e a Conscientização, vai relatando o método utilizado pelo autor.

Explicita a “profundidade do significado” do termo Conscientização, utilizado e apropriado por Paulo Freire, influenciado por Álvaro Pinto e o professor Guerreiro. Enfatiza que “este é o conceito central” de suas “ideias sobre a educação”. O autor afirma que “a educação, como prática de liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade”. Retrata ao homem como sendo “capaz de agir conscientemente sobre a realidade” vivenciada; chamando de “práxis humana” a capacidade de “agir e refletir” de maneira “indissolúvel”. O primeiro contato com a realidade nomeia como “posição ingênua”, não é uma posição crítica, sendo inicialmente uma “aproximação espontânea”. Isso amplia a experiência para a “tomada de consciência”, é o momento do “desenvolvimento crítico”. A conscientização é a superação da experiência ingênua, da tomada de consciência, na qual a realidade se torna “um objeto cognoscível” e assim o homem assume uma “posição epistemológica. A conscientização é o desvelamento contínuo da realidade através da práxis, tornando uma “unidade dialética”. (Freire, 1979, p. 14).

O homem, neste processo, “assume um papel de sujeito”, com “compromisso histórico”, marcado pela conscientização, numa profunda relação “consciência e mundo” num processo permanente de conscientização e

experiências. Assim, exemplifica que o “processo de alfabetização política” pode ser “uma prática para a domesticação dos homens ou para a sua libertação”, chamando este momento como sendo o “tempo do compromisso histórico”. O autor retrata que a conscientização está estreitamente ligada a utopia, “quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores”, pois assumimos o compromisso de transformação e nos “comprometemos com a realidade”. Assim retrata como sendo importante a “renovação cultural”, sempre permanente, “uma tarefa permanente de transformação”. Toma-se posse da realidade pela conscientização. (Freire, 1979, p. 14-15).

Tomar posse da realidade exige a “desmitologização”. O opressor tem a tendência de mistificar a realidade, oprimindo, os quais os oprimidos captam “de maneira mística e não crítica”. É um “trabalho humanizante” desmitificar! A conscientização conhece a realidade e os “mitos que enganam e que ajudam a realidade da estrutura dominante”. Assim, o trabalho humano fundamenta suas ações na “transformação permanente da realidade para a libertação dos homens. (Freire, 1979, p. 16).

As situações limites cooperam para a ação dos homens na formação uns dos outros, ora com aspirações libertadoras e com significância aos temas geradores, sendo então temáticas significativas. Descreve a dominação como ação que reduz o homem ao estado de coisas. Retratando que só o “movimento de pensamento dialético”, chamando de situação “codificada”, exigindo a “descodificação”, num movimento analítico “do abstrato para o concreto, da parte para o todo, para depois voltar as partes”. (Freire, 1979, p. 17).

No método, “o fim da descodificação é chegar a um nível crítico de conhecimento”, começando pela bagagem, pela experiência que o aluno tem da sua realidade. Deste modo, encontrar o tema gerador “é aquele que dá forma” e enreda a realidade experimentada, enfatizando a importância e a singularidade da história do homem em seu contexto (Freire, 1979, p. 18).

Neste desenrolar, a obra enfatiza a importância das ideias forças da educação:

1. O homem é sujeito e não objeto no processo, a observação do meio para uma “educação concreta ao homem a que se destina” chamando de “vocação

Criar Educação, Criciúma, v. 10, nº2, ago/dez 2021– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

- ontológica do homem”; como sujeito no espaço temporal, numa relação dialética com o contexto da realidade que está inserido. (Freire, 1979, p. 19).
2. Paulo Freire descreve: “o homem chega a ser sujeito por uma reflexão da situação, sobre o seu ambiente concreto”, ele é capaz de intervir na realidade através da tomada de consciência e a atitude crítica, sem conformismo, mas medindo com espírito crítico. (Freire, 1979, p. 19-20).
  3. O homem como sujeito (reflete e se compromete), consciente da sua “temporalidade” e “historicidade”. Não está só no mundo, mas em constante relação com tudo. “É através das relações que o homem chega a ser sujeito”. Sujeito capaz de discernir e afrontar permanentemente, mudando inclusive o próprio homem. Através da reflexão e do diálogo que estabelece com o mundo. (Freire, 1979, p. 20-21).
  4. Percebe-se que destas relações e ações dialéticas e reflexivas, cria-se a cultura. (Freire, 1979, p. 21).
  5. O homem é um “fazedor de histórias”.
  6. É preciso que a educação esteja afim ao que se destina. Freire afirma que devemos “preparar o homem por meio de uma educação autêntica”, revisando toda educação tradicional que trouxemos ao longo da nossa história, transformando os programas e métodos. É a conscientização que fazemos a transformação. (Freire, 1979, p. 21-22)

Partindo destas seis premissas sobre a ideias força na educação retrata que o processo metodológico para a alfabetização não pode desconsiderar o contexto vivido, e exorta algumas frases abordadas em cartilhas que não fazem nexos com a vivência da maioria das pessoas. Baseado em ação, na criação e na abordagem do conteúdo comprometido com o processo de aprender a partir de palavras geradoras, num processo de alfabetização pela consciência. Num total de 15 a 18 palavras geradoras, inicialmente apresentadas em desenhos. (Freire, 1979, p. 22).

O processo é marcado por 5 fases:

1. Descoberta do universo vocabular: nos grupos destacar “as palavras mais carregadas de sentido existencial”, desde expressões até repertório de cunho profissional. (Freire, 1979, p. 23).

2. Seleção das palavras: considerar a riqueza silábica, as dificuldades fonéticas, (importante destacar que o autor afirma que na seleção, devemos colocar na ordem de dificuldades crescente) e o conteúdo prático da palavra: compromisso da palavra com a realidade de fato, social, cultural e política. (Freire, 1979, p. 23-24).
3. “Criação de situações existenciais típicas do grupo com o qual se trabalha”. Entende essas situações como desafios que promovam a experiência. Situações problemáticas, codificadas; que permitem “conscientizar” para alfabetizar (necessidade) (Freire, 1979, p. 24).
4. Fichas indicadoras, ajudam os coordenadores do debate em seu trabalho.
5. Elaboração de fichas, famílias fonéticas correspondentes as palavras geradoras. (Freire, 1979, p. 24).

Os atos concretos de alfabetizar perpassa primeiro pela expressão oral, após o estudo e a representação gráfica, assim abrindo caminhos para o debate. Este chamamos de processo de descodificação, “o educador propõe a visualização da palavra geradora” através de laços semânticos. Assim depois, sem o recurso visual da imagem, sem o contexto, a palavra sozinha. Caminhando para a análise das famílias silábicas das palavras, depois a análise do seu conjunto e a identificação das vogais, através das “fichas da descoberta”, desvinculando a memorização para o mecanismo crítico. Deste modo destaca a experiência desta vivência, seguindo os passos com a palavra TIJOLO, seu significado, contexto e fonética. (Freire, 1979, p. 24-25).

A obra demonstra que os avanços são significativos nas vivências orais (conhecimento e reconhecimento) e desde a primeira aula necessita da experiência escrita, levando a descoberta do mecanismos das combinações fonêmicas, dos fonemas simples aos complexos (não canônicos), ampliando a vivência de palavras para frases. Começando muitas vezes a expressar com a linguagem oral (resultado marcado pela fala), consciente da sua atuação na realidade, concluindo que o “homem politizará a si mesmo” partindo de situações concretas da sua realidade. “Necessário desafiar a consciência crítica desde o começo”. (Freire, 1979, p. 25-27).

Um dos princípios mais significativos para os Círculos de Cultura é a liberdade, num “trabalho comum de conquista da linguagem”, sempre marcado pelo

diálogo, a compreensão, a amorosidade. “A alfabetização e a conscientização são inseparáveis”, imperando a conscientização da sua situação social, reconhecendo o próprio homem como criador de cultura, transpassando a limitação interna do grupo. Fazendo a passagem da “compreensão mágica e ingênua à compreensão crítica”, inculcando o conceito ontológico da cultura. (Freire, 1979, p. 27).

A tomada de consciência ao conceito de cultura “descobrir autor do mundo e criador de cultura”, toda criação humana é cultura e o homem: “o criador”. Intrínseco dois conceitos fundamentais: o de necessidade e o de trabalho. O entendimento do “domínio cultural” eleva ao homem as discussões em grupos, as relações entre os homens “que não podem ser de dominação e de transformação como as relações do homem com a natureza, mas das relações entre os sujeitos”. (Freire, 1979, p. 28-29).

Assim, conclui na segunda parte que a ignorância absoluta não existe. E que as questões levantadas sobre cada contexto da palavra geradora são importantes no processo da formação da alfabetização para a conscientização; do valor de cada um na vida e no contexto que estamos inseridos. Isso promove a libertação significativa e permanente. (Freire, 1979, p. 29-30).

A terceira parte, Práxis da libertação, apresenta três palavras chaves que precisam ser aprofundadas nos estudos: a opressão, a dependência e a marginalidade.

Segundo Paulo Freire a opressão possui duas faces conectadas mesmo em polos diferentes: o opressor e o oprimido. Através da “práxis que o oprimido obtém a liberdade”, no reconhecimento da luta constante. A opressão é “expressa na violência e revestida na falta de generosidade”, e normalmente, “a imersão na realidade opressiva não fornece uma percepção clara de si mesmo enquanto oprimidos”. (Freire, 1979, p. 31).

Os oprimidos possuem características: subordinação à consciência do opressor, alienação da realidade, desprezo de si mesmo, “dualismo dos oprimidos (que são ao mesmo tempo eles mesmos e o opressor)”, interiorizam a imagem (opinião) do opressor, assumem atitudes fatalistas em relação a sua situação, desprezo por si mesmo, acabam por convencer-se de sua própria incapacidade e “são emocionalmente dependentes”. (Freire, 1979, p. 30-32)

Quando trata-se de opressão, nota-se que não há solidariedade, pois ela só acontece na práxis, no reconhecimento das injustiças. Traz consigo as marcas de suas origens no preconceito e nas deformações contextuais, como a falta de confiança no povo como capaz de pensar, de querer e de saber. (Freire, 1979, p. 31)

A contradição vivida pelos oprimidos será resolvida pelo “homem novo”, nem opressor, nem oprimido, mas “um homem em fase de libertação”, ser plenamente humano e não somente trocar os polos entre opressor e oprimidos. (Freire, 1979, p. 32)

Paulo Freire, ainda eleva a discussão para âmbitos mais abrangentes, retratando as relações de dependência das sociedades como um todo; o autor enfatiza que não podemos deixar de compreender o subdesenvolvimento com a árdua tarefa de “superar sua situação limite de sociedades dependentes”. Ora, importante destacar que o autor delimita as ações e transformações ocorridas fora da sociedade e no interior da mesma, com marcos da modernização e o desenvolvimento, a primeira “caracteriza a situação concreta de dependência”, enquanto o desenvolvimento está ligado “ao processo de libertação das sociedades dependentes”. (Freire, 1979, p. 33)

Essas relações de dependência, apontadas nos países de terceiro mundo com as sociedades desenvolvidas, nasce uma “cultura do silêncio”; na qual a sociedade dependente (sociedade silenciosa) não tem voz perante ao contexto – sem autenticidade – é comparado ao “eco da voz da metrópole”. A consciência da dependência dessas sociedades é “historicamente condicionada pelas estruturas sociais, imersas na realidade concreta”, não sendo possível conhecer essa realidade de maneira crítica. Freire caracteriza essa consciência de “semi-intransitiva”, sem possuir a “percepção estrutural”, num período de transição entre o estado anterior e o novo estado, rompendo progressivamente com a “cultura do silêncio”. Assim, as elites também se movimentam para que não haja o rompante da consciência dos oprimidos e se reestruturam e buscam novas maneiras de manter a dominação. (Freire, 1979, p. 34-35).

Assim, no seio deste desenvolvimento e movimentos, de reestruturação e manutenção do “status quo”, a liderança populista permeia como a vertente de

manipulação, “manipuladora de massas por não poder manipular elites”; ao mesmo tempo ambígua: “manipuladora e, ao mesmo tempo, fator de mobilização democrática”, caracteriza pelas sociedades agora marcadas pela alienação cultural. (Freire, 1979, p. 37)

Retratando a problemática do analfabetismo, Freire elenca que “a percepção não estrutural do analfabetismo tem revelado uma visão errônea, como homens marginalizados”, não “estão fora de” ou “à margem de” algo – padrões da sociedade dominadora (centro da periferia). A alfabetização não é a cura desta realidade, é a libertação da consciência crítica dos dominados, o sujeito cognoscente, promovendo uma autêntica transformação da estrutura desumanizante. (Freire, 1979, p. 38 e 39)

Paulo Freire, marca em sua obra a relação pedagógica no processo educacional. Conflitando a educação narrativa e bancária, sendo marcas da opressão e da alienação da sociedade dominante, legitimada; com a educação libertária, num método de relação educador-educando contrapondo aos papéis dos moldes dominados, na qual os alunos são passivos perante os conteúdos sem vida, uma realidade estática, imutável, conclusa (acabada). Na definição “bancária” o aluno é um ser ignorante e o poder do conhecimento se encontra apenas na figura do professor, estes conteúdos são depositados nos alunos, educação presa a uma estrutura fechada, sem a participação do aluno no processo – concepção acumulativa. “Os métodos de opressão não podem servir à libertação do oprimido”. (Freire, 1979, p. 39-41)

A percepção das situações da realidade, os educandos perceberão mais cedo ou mais tarde a situação de opressão, as contradições da realidade que lhes é transmitida e buscarão uma saída que transformem essas vivências. Esse processo acontecerá de forma mais rápida com a presença de um “educador revolucionário”, que faz uso de uma educação crítica, “humanizadora e problematizadora”. Com papéis de relações mais estreitos, um poder estar ao nível do outro, professores e alunos, com compromisso, para que o aluno além de contemplar, internalize o pensamento crítico. (Freire, 1979, p. 41)

A educação crítica nunca está de acordo com os interesses da classe opressora, não admitindo “posições neutras”. Assim permeia o homem como um ser historicamente construído e em constante transformação, em uma “realidade

inacabada e dinâmica”, em desenvolvimento. Num aspecto contínuo de “diálogo, amor, fé, humildade e esperança”, numa “ação revolucionária” de uma educação crítica. Ações que delimitam “revolucionária”, libertadora e pela “conscientização crítica das massas” e não a sua “domesticação”, praticando uma “educação co-intencional” e dialética, num esforço de repelir a cultura dominante. (Freire, 1979, p. 42-45).

A conscientização é o objetivo principal e a superação dos estados de consciência “semi-transitivos” e “transitivos ingênuos” pela consciência crítica, num caminhar conciso do intelecto e a práxis. (Freire, 1979, p. 46-47)

A “ação libertária” deve preocupar-se em explicar cientificamente a realidade e denunciar as ideologias mistificadoras, promovendo através de seu método uma revolução cultural nas realidades.

A obra de Paulo Freire nos levanta diversos contextos em que a atuação pedagógica deve ser a “práxis” dialética, conscientes do nosso papel: não mero representantes do conhecimento, mas daquele que atua conscientemente na realidade, que auxilia os processos, que contribui para perpetuar ou transformar o espaço e o tempo. Alfabetizar, para um sentido amplo da palavra, para o mundo, agentes ativos e em constante movimento, o processo que nunca extingue, sempre tendo algo a mais a aprender e ensinar. E assim, aos nossos alunos a não conformidade das situações e um posicionamento de amor, humildade e conhecimento além das palavras letradas, mas de todo um contexto, para além dos limites conceituais, com todo e tudo que a escola se revela e realiza. Um livro que suscita um monte de questionamentos, mais dúvidas que certezas, num diálogo constante numa questão: *“E aí professora como será daqui pra frente?”*, pois já não sou a mesma daquela antes da leitura.

## Referência

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e Prática da Liberdade**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.